

Artigo intitulado a “Emigração portuguesa para o Brasil”, publicado no *Diário do Governo*, fornecendo elementos importantes quanto a este fenómeno no período anterior (5.5.1846)

Publicamos o seguinte resumo dos súbditos portugueses, que se transportaram para o Rio de Janeiro, no segundo semestre do ano de 1845, os portos donde saíram, e os navios em que foram.

De Lisboa

<i>Navios</i>	<i>Nações</i>	<i>Passageiros</i>
5	Portugueses	48
1	Brasileiro	8
1	Hamburguês	2
2	Americano	5
2	Sueco	5
1	Dinamarquês	1
1	Austríaco	1
13	<i>[Total]</i>	70

Do Porto

<i>Navios</i>	<i>Nações</i>	<i>Passageiros</i>
8	Portugueses	668

Dos Açores

<i>Navios</i>	<i>Nações</i>	<i>Passageiros</i>
3	Portugueses	574
1	Brasileiro	259

Da África

<i>Navios</i>	<i>Nações</i>	<i>Passageiros</i>
1	Português	13
4	Brasileiros	54
1	Hamburguês	7

De Cabo Verde

<i>Navios</i>	<i>Nações</i>	<i>Passageiros</i>
1	Norueguês	1
1	Brasileiro	2

Total no 2.º semestre: 1 648

O que junto a 1 707 que se trasladaram no primeiro semestre do dito ano faz o total de 3 355 da maneira seguinte:

<i>De Lisboa</i>	1.º semestre	55	125
	2.º dito	70	
<i>Do Porto</i>	1.º semestre	1308	1 706 [1 976]
	2.º dito	668	
<i>Dos Açores</i>	1.º semestre	451	1 284
	2.º dito	833	
<i>Da África</i>	1.º semestre	24	98
	2.º dito	74	
<i>Da Madeira</i>	1.º semestre	132	132
	2.º dito	0	
<i>De Setúbal</i>	1.º semestre	1	1
	2.º dito	0	
<i>De Cabo Verde</i>	1.º semestre	0	3
	2.º dito	3	
<i>Da Ásia</i>	1.º semestre	6	6
	2.º dito	0	

Total no ano de 1845: 3 355 [3 625]

Foi por conseguinte o acréscimo dos que se trasladaram nesse ano mais 158 [428], do que no ano de 1844 que montaram a 3 197.

Os que foram do Porto todos levaram passaportes das autoridades, com raríssimas exceções, não acontecendo o mesmo aos dos Açores, os quais embarcam alguns deles clandestinamente, em consequência das medidas que ali se tem tomado para obstar à emigração de tantos braços úteis das nossas ilhas, porque uma parte dos que vão é gente moça, robusta e adaptada a todos os serviços a que se queiram aplicar.

Do Porto é sempre donde partem mais, e há muitos anos que assim acontece; porque a fortuna que alguns têm ali adquirido, é que os incita a irem procurar a mesma felicidade.

Até ao ano de 1840, poucos eram aqueles que não se dedicavam ao comércio.

Não acontece agora tanto assim, porque parte dos que vão são homens de ofícios mecânicos, principalmente pedreiros e carpinteiros, que com os seus jornais e bastante economia, poucos são os que ficam no Brasil, e já se acostumam a voltar à pátria no fim de três anos, sendo quase todos de aldeias da vizinhança do Porto.

Os que se dedicam ao comércio, por sua natureza, têm mais persistência no país, sendo poucas as casas de qualquer negócio do Rio de Janeiro, que não têm um ou mais caixeiros portugueses, havendo igualmente alguns destes que são chefes de casas de comércio, e proprietários de estabelecimentos naquele país.

Para a gente das Ilhas dos Açores, talvez em sequência da cessação em grande parte do tráfico de escravatura, tem-lhes aparecido no segundo semestre deste ano, engajamentos para toda a qualidade de serviços, e alguns deles fizeram contratos com lavradores do país, bem estabelecidos, à razão de metade dos rendimentos das terras.

O engajamento dos homens tem regulado a razão de 10\$000 réis por mês, enquanto não pagam a importância do que se lhes adianta para passagens, ficando depois livres para continuarem nas mesmas ocupações, ou fazerem novo contrato.

As mulheres têm tido engajamentos para o serviço doméstico da cidade, e quase todas encontram patrões com prontidão.

A gente dos Açores é muito laboriosa, muito sóbria e fiel, e por isso são preferidos.

Ultimamente mudou-se completamente o serviço do fornecimento da água dos chafarizes da cidade do Rio de Janeiro, no qual se empregavam mais de 10 000 braços pretos.

Principiaram alguns dos açorianos a conduzir pelas ruas água em pipas; e hoje pode-se dizer, que estão nisto empregadas mais de 2 000 pessoas das ilhas, sendo alguns já proprietários das carroças e das pipas.

O mesmo acontece às diversas carroças e outros veículos de condução que todos os dias vão aparecendo, e que pertencem a essa classe de gente, que carregam os materiais para as obras, e os objectos do serviço de casas; quando era prática geral carregar-se tudo quanto nela era mister à cabeça dos pretos.

(Diário do Governo n.º 105, de 6 de Maio de 1846. Corrigimos os valores relativos aos números de emigrantes que vão indicados por nós entre parêntesis recto, uma vez que a fonte apresentava uma soma errada quanto ao número de emigrantes saídos pelo Porto, que são 1 976 e não 1 706 como o artigo refere).